

---

## **Eva Braun como exemplo da dominação das massas: revisitando “A vida secreta de Adolf Hitler”<sup>1</sup>**

Adriana KURTZ<sup>2</sup>  
ESPM-Sul

### **RESUMO**

O texto analisa a relação de Adolf Hitler com Eva Braun, como um exemplo paradigmático de personificação das massas, as quais Hitler dominou e encaminhou para a morte, sob seu fascínio e tirania. O ditador, que se dizia “casado com a Alemanha”, teve uma intensa vida amorosa e levou várias amantes ao suicídio, estabelecendo uma terrível relação entre as mulheres de sua vida privada e as massas – que, em sua visão, eram “essencialmente femininas”. Assim, a figura da mulher acabaria ansiando por ser subjugada, violentada e, no limite, levada à morte. Para tanto, o ensaio parte de cenas raras do documentário “A Vida Secreta de Adolf Hitler” (1948), um dos poucos documentos fílmicos a focar a intimidade de Hitler com sua amante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário; Adolf Hitler; Eva Braun; Carisma; Poder.

### **Sobre escatologias, sexismo e poder carismático**

Um dos personagens do Século XX mais discutidos e estudados, Adolf Hitler tem na sua vida privada um tema fascinante, para usar a famosa expressão de Susan Sontag. Marcado por uma personalidade doentia, Hitler dedicou, por assim dizer, às mulheres, alguns de seus mais obscuros sentimentos. Para além de suas constrangedoras ou exóticas intimidades, o *Führer* viu na figura da mulher a perfeita encarnação da noção sociológica da massa que ele manipulou e seduziu como poucos do seu tempo. E

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 –Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018. A autora agradece a contribuição decisiva de Luciana Mattia para a realização deste texto.

<sup>2</sup> Jornalista e doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Sul). Coordenadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR-ESPM-Sul) e líder do grupo de pesquisa Teoria e Prática no Jornalismo, cadastrado no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). e-mail: [akurtz@espm.br](mailto:akurtz@espm.br)

as massas femininas foram generosas e fiéis ao tirano. Como avaliou Lida Gustava Heymann, uma das mais destacadas sufragistas da época, a conquista ao voto feminino em 1919, na Alemanha, acabaria tendo um efeito contraproducente em relação à luta contra a dominante lógica masculina. Afinal, as mulheres seriam responsáveis pela ascensão de Hitler e pelo ocaso da República Alemã, sustentou Lida (apud SCHAD, 2001, p. 18). Se aceitarmos tal avaliação, há que se partir de uma constatação tão contraditória quanto trágica: Hitler conquistaria o seu lugar na história amparado por uma legião de mulheres que, ao fim e ao cabo, acabariam pagando caro demais pela sua adoração submissa. Mas certamente a mais famosa delas foi Eva Braun, sua amante e, as portas da morte, a Sra. Eva Hitler. Uma personagem cujas poucas imagens podem ser conferidas no documentário “A Vida Secreta de Adolf Hitler” (1948).

Através de seu poder e de seu inquestionável *carisma*, Adolf Hitler atraía milhares de mulheres, que enviavam cartas apaixonadas e faziam de tudo para se aproximar do *Führer*, tamanho fascínio ele exercia. “Era um homem excitante, embora de aparência não exatamente atraente”. Mas ele tinha um brilho. Os olhos eram interessantes. “E possuía uma espécie de charme – todos sabem que existe uma fascinação natural por pessoas extraordinárias, independente de quem sejam”, lembrariam Sayer e Botting (2005, p. 88) na obra intitulada “Hitler e as Mulheres – A vida amorosa de Adolf Hitler”.

Entretanto, cabe lembrar que Hitler jamais assumiu uma mulher em toda a sua vida política e pessoal; dizia que era “casado com a Alemanha”. O *Führer* argumentava que a renúncia ao matrimônio se dava por razões políticas e propagandísticas: ficando solteiro, o ditador cultivava o “mito”. Ou como ele mesmo dizia: “Me casar... nunca poderia... é como o ator de um filme: se casa, perde algo para as mulheres que o idolatram, deixa de ser seu ídolo”, vaticinava (HITLER apud SEGOVIA, 2005, p.97, tradução nossa). À parte tais exercícios de retórica e propaganda, a verdade é que a vida sexual de Adolf Hitler foi marcada por uma sucessão de fatos bizarros. Até o final da guerra, Hitler sentia-se intimidado pelas mulheres e tinha verdadeiro pânico de ter contraído sífilis em encontros com prostitutas. Segundo Sayer e Botting (2005, p.32), ainda que se sentisse “atraído por belas mulheres - geralmente jovens, bonitas, loiras de seios grandes, saudáveis, alegres, simpáticas extrovertidas e não muito inteligentes” (que como veremos, se adapta à perfeição à

figura de Eva) -, o jovem Adolf tinha problemas de impotência sexual. “Quando chegava o momento do sexo, e independente da força e de qualquer outro aspecto de seu desejo sexual, não conseguia um bom desempenho – para resumir, ficava impotente”, o que acontecia pelo menos “de vez em quando”. (SAYER E BOTTING 2005, p.33).

O *Führer* procurou por ajuda médica logo após o fim da Primeira Guerra, quando encontrou com o Dr. Krueger, que se declarou médico e psicólogo de Hitler, desde a tarde de agosto de 1919, data da primeira consulta, até ser forçado a sair da Alemanha por saber “demais” sobre a vida sexual do ditador. Adolf chegou ao consultório convencido de que seu problema estava ligado à sífilis – doença muito comum na Europa naquele período -, mas, durante a consulta, o futuro ditador seria surpreendido. Naquela tarde, Dr. Krueger teria dito ao paciente: “Sua incapacidade de funcionar sexualmente não se deve a alguma coisa que possa ter acontecido a seu corpo, mas a algum tipo de desordem em sua mente” (SAYER; BOTTING , 2005. p.25). O tratamento do *Führer* com seu médico durou 15 anos.

Ainda nos anos de 1919 a 1920, quando vivia em Thirschstrasse, em Munique, em um quatinho de pensão, Hitler teria iniciado uma vida sexual ativa e fora dos padrões, pois, ao tentar as técnicas convencionais, freqüentemente “[...] tinha problemas de ereção e ejaculação precoce; quando esses problemas não apareciam, o sexo era rápido e grosseiro. Com o passar do tempo, ele partiu para uma nova forma... [...] alarmante na técnica, mas [que] trazia resultados mais satisfatórios” (SAYER; BOTTING, 2005, p.41). A partir desse momento, iniciam os relatos de diversas mulheres que teriam envolvimento sexual com Hitler e de suas estranhas manias sexuais, que incluíam atos como urinar no rosto do *Führer*, chicotear um ao outro; enfim, relacionamentos de natureza sado-masoquista. Mesmo com seu problema de impotência, esses recursos proporcionavam uma vida sexual relativamente ativa para o futuro líder do *Reich de Mil Anos*.

No livro “A História Perdida de Eva Braun”, Angela Lambert ( 2007) faz questão de ressaltar como as mulheres da vida de Adolf Hitler deixaram marcas profundas em sua personalidade. Klara, sua mãe, morreu quando o futuro ditador tinha 18 anos. Mas as lembranças do sofrimento causado por um câncer de mama permaneceram vivas. Geli Raubal, filha de uma meia-irmã de Hitler, tornou-se sua

amante ainda na adolescência. Seu suposto suicídio, em 1931, deixou cicatrizes dolorosas no então presidente do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que passaria à história do Século XX como Partido Nazista. Contudo, diz Lambert (2007), a *massa* não deixou de ser “a principal das mulheres” do *Führer*, pois, de certo modo, o tirano “casou-se” com todas as mulheres que a constituíam. A massa, na concepção do próprio Hitler, seria vista como essencialmente feminina. Desde sua ascensão ao poder, nos anos 30, mulher alguma era vista oficialmente ao seu lado. Hitler e Goebbels seriam os artífices de um jogo de sedução intenso e muito bem arquitetado.

O *Führer* é incapaz de amar qualquer mulher. Ele pode amar apenas a Alemanha, dizia Magda, mulher do ministro da propaganda Josef Goebbels e “primeira dama do nazismo”, ela mesma uma confessa apaixonada pelo seu líder. Traições nunca poderiam vir à tona. Mas havia Eva (LAMBERT, 2007, p.47).

Eva Braun foi amante de Hitler por 14 anos, e o relacionamento foi mantido tão perfeitamente em segredo pelo ditador que o serviço secreto britânico, em 1944, ainda achava que Eva era apenas mais uma de suas secretárias. O papel desta mulher na vida pessoal de Hitler foi fundamental para que o ditador desfrutasse de uma atmosfera caseira e familiar, especialmente nos Alpes da Alemanha, em Berghof. Sua lealdade foi total: Eva e Hitler casaram-se e suicidaram-se juntos no *Bunker* de Berlim em 1945, enquanto as tropas soviéticas avançavam sobre o último refúgio do poder nazista.

Porém, Eva Braun não era tratada como sua companheira diante da maior parte das pessoas do convívio de Hitler. Quem fazia as honras da casa como anfitriã oficial era Magda Goebbels – esposa do Ministro da Propaganda nazista e amiga do *Führer*. À Eva não era permitido participar de quaisquer atividades oficiais. De forma sistemática, ela era, inclusive, obrigada a se recolher quando Hitler recebia visitas importantes. Mas sua “consagração” por assim dizer, ao lado do único homem que amara, viria de uma forma terrível e dramática. Menos de dois dias após a rápida cerimônia de casamento que, finalmente, oficializou a longa união amorosa com o *Führer* da Alemanha nazista, Eva Braun tiraria a própria vida numa macabra e derradeira prova de amor – e submissão.

“De certo modo, o entusiasmo das mulheres da Alemanha pode ser comparado à histeria sexual de algumas jovens diante de seus ídolos” diriam Sayer e

Botting (2005, p.81). Eram as mulheres que reagiam mais intensamente aos discursos do ditador, e segundo os autores, para alguma delas, o impacto dos discursos do *Führer* seria literalmente orgásticos. O poder carismático do líder, que pelas mulheres era percebido como um poder sexual, chegava a ser tão intenso a ponto de provocar cenas ridículas: “as mulheres continuavam a berrar *Heil Hitler* durante o parto, orgasmo e as cirurgias” (SAYER; BOTTING, 2005, p.84)

A partir de algumas cenas do documentário “A Vida Secreta de Hitler”, originalmente produzido em 1945 e que reúne imagens documentais de Adolf Hitler e de Eva Braun em sua intimidade no Berghof, este ensaio procurará explorar as relações entre a figura histórica de Eva Braun e as massas, que legitimaram o irrestrito poder do ditador nazista, de 1933 a 1945. Com isso, pretende-se desvelar as convergências entre uma das mulheres de Hitler – de fato, a mais importante e leal – e o próprio *estatuto* das multidões que foram (igualmente) capturadas pelo carisma e pelo poder de fascinação e dominação do *Führer*.

### **A Vida Secreta de Adolf Hitler, suas mulheres e Eva Braun**

Uma cena do documentário “A Vida Secreta de Hitler” mostra o ditador Adolf Hitler, que usa terno e chapéu, e Eva Braun, com um vestido, reunidos no Berghof. Ambos estão com as mãos para trás, tentando demonstrar distância, e de certa forma, mantêm certo espaço entre si, enquanto conversam de maneira aparentemente descontraída. As imagens pouco dizem, entretanto, sobre a trajetória de Braun na doentia intimidade do homem que amou e seguiu até as últimas consequências.

O líder nazista conheceu Eva Braun no estúdio de seu fotógrafo e amigo Heinrich Hoffmann. A jovem era sua assistente, e o *Führer*, desde o primeiro instante em que a vira, desenvolvera imenso interesse pela vistosa baviense de típica família católica. Após alguns anos de *affair*, mais precisamente poucos meses após o suicídio de Geli Raubal, sobrinha, amante e uma das grandes paixões de Hitler, o ditador levaria Eva Braun para viver nos Alpes, em Obersalzberg - ou Berghof- como viria a ser (re)batizado após sua reforma. Coerente com sua forma machista/sexista/misógina de encarar o mundo feminino e o papel da mulher, Hitler fez com que Eva deixasse seu

emprego no estúdio de fotografia, e trouxe sua irmã e melhor amiga, Gretl, para viver com ela.

Um dos motivos que precipitou a decisão do *Führer* de levar sua amante para viver no chalé da montanha foi a instabilidade emocional experimentada por Eva, a exemplo de outras mulheres que foram marcadas pelas relações nunca ortodoxas com o líder nazista. As tentativas de suicídio de suas amantes marcaram praticamente toda a vida amorosa de Adolf Hitler, de forma surpreendente e quase que sistemática. A própria Eva, inconformada com as longas ausências de seu amante, tentaria o suicídio duas vezes. Logo, Hitler julgou mais prudente levar sua amada para viver na proteção da casa nas montanhas, no início de 1936. Como notou Lambert (2007, p. 210), no Berghof, a jovem dispunha de um chofer, dois carros (um moderno Mercedes e um dos primeiros Volkswagen), gozando de luxo e tranquilidade no alto das montanhas.

Por mais conforto que Eva tivesse a sua disposição, a jovem enfrentava o fantasma do distanciamento entre Hitler e ela. As viagens de seu amado eram freqüentes, os compromissos políticos eram infundáveis, e Eva não tinha espaço como figura feminina ao lado do ditador nazista: esse papel era exercido por Magda Goebbels, notoriamente a primeira dama do III Reich e esposa do Ministro da Propaganda, Josef Goebbels. Magda era o exemplo da perfeita mulher ariana reprodutora. Com seis filhos, havia exercido com excelência sua função de produzir em larga escala a “raça perfeita”. Era ela a anfitriã oficial do Berghof (Eva sempre tinha que se esconder quando havia jantares para convidados fora do círculo estreitamente íntimo do casal).

Eva era obrigada a se trancar no quarto, e inclusive realizar todas as refeições lá. 'Esse ostracismo aborrecia Eva, que se tornou 'irritadiça, mal humorada, ríspida; começou a se queixar. E com razão', lembraria Henriette Von Schirach (*apud* LAMBERT, 2007, p.214).

Quando em presença de seus empregados, Hitler tratava Eva como se fosse uma de suas secretárias, chamando-a de *Fräulein* Braun. Então, ela tinha de lidar não apenas com a distância física - fator que fez parte de sua vida durante os 14 anos durante os quais foi amante do *Führer* -, mas, sobretudo, com as frustrações de seu papel de companheira não oficial de Hitler (por não poder exercer nenhuma função social ao lado do ditador), o que pode ser observado na cena citada. Eva, afinal, é o

exemplo singular de uma postura que Hitler assume diante das mulheres e, inclusive, diante das massas, cuja natureza mais íntima seria feminina. A postura de Hitler diante de Eva pode ser assim confrontada e comparada com a postura de Hitler diante das massas, como analisada por Canetti<sup>3</sup> (1995). Aqui, Eva, de certa forma, torna-se uma personificação das massas em sua realidade de subjugação e domínio por parte do ditador implacável em seu poder e irresistível em seu carisma.

Nos eventos em que levava Eva consigo, o líder sempre providenciava para que fosse mantida uma considerável distância de Eva “[...] nos quilômetros de filmes domésticos de Eva, ela dificilmente chega sequer a tocar nele, a não ser ao se encontrarem. Ele não sorri para ela, mas inclina-se para trás, os braços cruzados, na defensiva, mantendo um bom espaço entre ambos (LAMBERT, 2007, p141).

Numa outra reveladora cena do documentário, Eva Braun está sozinha, vestindo um maiô, que revela um corpo bem delineado e em forma. É dia – manhã ou tarde –, e Eva pratica exercícios físicos em barras de ferro no jardim do Berghof, tendo ao fundo, como cenário, algumas árvores. Como foi ressaltado, Eva, devido aos compromissos políticos do ditador, passava a maior parte do tempo sozinha nos Alpes (entenda-se, sem a presença de Hitler). Sua vida, assim, parece resumir-se a frivolidades: ela se entretém com os cuidados de sua beleza, esporte e leitura, além de reuniões com seus amigos, que eram frequentemente convidados a desfrutar de momentos idílicos no Berghof. Eva levava sua vida alheia à situação dos horrores do III Reich, da Guerra e, em seguida, do Holocausto. É o retrato de uma mulher alienada, com suas atividades fúteis e banais. De fato, enquanto nadava ou tomava banho de sol, quem sabe entediada, milhares de pessoas tinham suas vidas destruídas pela Guerra. Isso para não dizer do particular drama de judeus, sobretudo, mas também de comunistas, socialistas, homossexuais e doentes mentais, as “minorias” não dignas de viver, que eram trancafiadas, torturadas e/ou executadas em prisões e nos campos de concentração e morte. Mas Eva tinha outro destino: manter-se esbelta e jovial para o homem pelo qual ela esperava diária e ansiosamente que retornasse ao aconchego da casa.

---

<sup>3</sup> Como mostrou Canetti (1995), o detentor do poder isola-se da massa devido a seu senso de preservação (consequentemente, “garantindo” a sobrevivência da mesma, que depende da continuidade da vida de seu líder). Hitler, com suas mãos para trás, denota o líder em posição de supremacia; e Eva, com a mesma postura, o respeito da “massa” em veneração ao *Führer*.

---

Não é preciso repisar o quanto Hitler enfatizou os cuidados acerca da imagem do *corpo* do povo alemão, “o homem Ariano perfeito”. De fato, no decorrer do filme documentário, são diversas as cenas nas quais Eva aparece se exercitando: o motivo não seria apenas o seu ócio e, quem sabe, o tédio insuportável diante da falta de atividades e da ausência constante do *Führer*. Pode-se supor que, como as massas dominadas, Eva também mostrou disciplina e disposição de cumprir e satisfazer o ideal de beleza proclamado por seu amado diante de toda a nação. “O estado deve dirigir a educação do povo, não no sentido puramente intelectual, mas visando sobretudo, à formação de corpos sadios” teria dito, solenemente, o ditador (*apud* DIEHL, 1996, p.65) Obersalzberg era o local ideal para Eva realizar suas atividades físicas. Conforme Angela Lambert (2007, p.215) “oferecia lagos, florestas, trilhas montanhosas, um cenário perfeito para as atividades esportivas que [Eva] adorava e nas quais se saía tão bem”.

Como a existência pública havia sido negada à Eva, contemplar o desejo e exigência de seu amado em cultivar a saúde de seu próprio corpo, seria, portanto, um meio da senhorita Braun encontrar uma função social em meio à vida sem papéis que levava ao lado do ditador. Um papel menor para quem se conformou com uma sucessão de fracassos: nem amante oficial, nem mulher e nem mesmo mãe de seus filhos (que ele nunca chegou a ter). De fato, a mulher, para Hitler, teria uma função meramente secundária, um respaldo para o homem/guerreiro nazista. “Ela [Eva Braun] era meiga e alegre, no velho sentido da palavra - e mantinha as coisas leves para ele, por isso essa jovem simples era tão importante a seus olhos. Hitler queria alguém em cuja companhia não tivesse de *pensar*” fulmina Gitta Sereny (*apud* LAMBERT, 2007, p.211, grifo do autor). De fato, o *Führer* encontrava na jovem exatamente o que precisava para esquecer-se dos problemas políticos, pois Eva de política nada entendia e, portanto, ele tinha nela a certeza do descanso da vida política quando assim desejasse.

Se contrapusermos o comportamento de Eva Braun ao de Geli Raubal, sobrinha e outra das amantes de Hitler em sua longa biografia amorosa e sexual, é evidente o contraste do perfil das duas mulheres que mais marcaram a vida do líder nazista. Eva, submissa ao ditador, encaminhou sua vida de acordo com os desejos – e as necessidades – de seu amante. Enclausurou-se primeiramente na casa das montanhas e posteriormente no *bunker* - onde viria a suicidar-se com Hitler. Já Geli era o extremo

oposto de Eva Braun (e talvez por isso tenha tido uma existência mais breve e ainda mais trágica que sua rival): contestadora, sempre argumentava e discutia as ordens do tio-amante; tinha o perfil de mulher que dificilmente se submeteria a um homem. “Entre as fotos tiradas na Haus Wachenfeld (nome dado à casa da montanha) [inicialmente], ela era retratada usando um boné de estudante inclinado num ângulo provocante com paletó *tweed* super largo e calças compridas, antecipando o filme *Annie Hall* em quatro décadas diria Lambert (2007, p.114). Mas, Geli acabaria cometendo o suicídio, segundo alguns autores ao encontrar uma carta de Eva numa roupa de Hitler.

A luta de Geli em tentar buscar independência e auto-afirmação diante de um homem que, em breve, ameaçaria meia Europa era uma luta que estava destinada a perder. Ela se abatia pela causa feminista em uma época em que não se ouvia falar de mulheres audaciosas (LAMBERT, 1997, p.135).

Uma terceira tomada significativa no documentário que registra as raras imagens do casal Adolf e Eva nos remete para aquelas plácidas cenas que podiam ser registradas nos momentos de refúgio e descanso do ditador. Vemos Eva Braun brincando com um bebê sem roupa (de aproximadamente um ano de idade), durante uma manhã, ou tarde de verão, no jardim do Berghof. Presume-se que a criança seja filho de uma amiga de Eva Braun, conforme o próprio documentário cita. De qualquer forma, sabe-se a importância que as crianças tinham dentro dos planos políticos do ditador. O *Fuhrer* instituiu na Alemanha, em 28 de outubro de 1935, o “casamento biológico”, que era nada mais que uma determinação legal que incentivava jovens alemãs solteiras a se envolverem sexualmente fora dos laços matrimoniais, mas, evidentemente, com homens “arianos puros”. O Estado persuadia essas moças e rapazes através do argumento de que eles estariam unidos pelo mesmo ideal de conservação da raça. O apelo pela reprodução da “raça ariana” atingiria tão profundamente as mulheres em seu desejo de “dar um filho ao *Führer*” (slogan utilizado nas campanhas), que logo em setembro de 1936, após um congresso do partido em Nuremberg, “mais de mil moças voltariam grávidas”, como destacaram Levi e Schimidt (1996, p.303).

Tal urgência o governo tinha em assegurar uma rápida reprodução de alemães “perfeitos” (que iriam povoar os novos territórios do III Reich, conquistados à força), que inclusive a arte daquela época refletia o aspecto da sexualidade queurgia a todo instante. E o objetivo era justamente este: induzir o observador a ir para casa e reproduzir.

---

Como observou Howard K. Smith, a arte nazista poderia ser resumida em pornografia e militarismo: 'A arte pornográfica, mulheres e homens nus, sem deixar de enfatizar nenhum detalhe, nem um único fio de cabelo, objetivava induzir nos observadores a urgência de ir direto para casa e tomar medidas para aumentar a raça. E a outra tinha por finalidade demonstrar que bela coisa a guerra pode ser' (NAZÁRIO, 1996, p.41).

Como bem disse Macciocchi (1978, p. 123), o nazi-fascismo de Hitler era, em uma única palavra, “macho” e, inevitavelmente, antifeminino. E mesmo assim, o Führer lideraria, até a derrocada final, milhares de homens e mulheres, as *suas* massas. Observe-se outra cena do documentário, mais comum no conjunto imagético legado pelo nazismo: na sequência, pode-se ver o público num salão aplaudindo o Führer intensa e euforicamente. Entre a multidão, a câmera foca, principalmente, as mulheres, idosas, crianças, meninas e jovens que, ao final, gritam: *Mein Führer!*

Hitler, como é notório, exercia seu excepcional poder, especialmente, sobre as massas femininas. As mulheres enviavam cartas de amor ao Führer, tinham comportamentos até mesmo histéricos quando em contato com o líder. Sayer e Botting citam que um historiador alemão teria afirmado que as reuniões de Hitler tinham um caráter sexual, “alcançando o clímax com 'orgasmos de oratória'- como '*assassinatos sexuais*'” (2005, p.82). Há relatos de que inclusive, os salões onde eram realizados os discursos tinham de ser lavados devido ao número de mulheres que se molhavam de excitação ao ver e ouvir Hitler. Em uma passagem na obra “Hitler e as Mulheres - A vida amorosa de Adolf Hitler”, Sayer e Botting (2005, p.82, grifo nosso) caracterizam o comportamento das massas femininas diante da presença do Führer. “Grupos de Mulheres, multidões, reagiam coletivamente como se fossem uma só mulher, influenciadas por um reverenciado deus masculino ou chefe tribal supremo acostumado ao *jus primae* (direito da primeira noite)”

Como se vê, Eva Braun, embora sendo o caso mais paradigmático das convergências entre as mulheres e as massas sob Hitler, não seria o seu único exemplo. Nesse sentido, é necessário revisitar uma das “pérolas” do ditador, que confessaria a teoria a um amigo seu:

Sabe que o público de um auditório é igual a uma mulher? Aquele que não compreende o caráter intrinsecamente feminino das massas nunca poderá chegar a ser um bom orador [...] Que espera uma mulher de um homem? Clareza, decisão, poder e ação [...] Igual a uma mulher, as massas flutuam

---

entre impulsos extremos. A multidão não apenas é como uma mulher, assim como as mulheres formam o elemento mais importante em um auditório (Hitler *apud* SEGÓVIA, 2005, p.25, tradução nossa).

Mulheres que foram naturalmente estimuladas por um esforço de propaganda nada desprezível para além dos tentáculos do próprio Reich em sua dimensão totalitária: desde jovens, as meninas já eram “educadas” a fim de venerarem o ditador (assim como todos os cidadãos alemães). Para elas, havia, inclusive, o chamado BMD (*Bund Deutscher Mädel*), que era a escola nazista para as mulheres. Lá, elas aprendiam tudo o que a “típica mulher alemã” deveria saber: como ser uma excelente dona-de-casa, exercícios físicos, veneração ao líder e a importância de reproduzir generosamente a “raça ariana”. (DIEHL, 1996, p.66). Todavia, isso não é o bastante para explicar o carisma do ditador, que incluía um poder excepcional de sedução. O que atraía as mulheres – fisicamente, podemos dizer -, segundo os relatos, eram, sobretudo os olhos de Hitler, que seriam talvez seu único ponto forte. Hitler não era um homem atraente, “[...] e nem de longe possuía a aparência de um sedutor” (SAYER; BOTTING, 2005, p.37). Entretanto, ele tinha seus encantos: os olhos do ditador eram bastante citados como instrumentos de sedução, a exemplo do que atraiu Eva Braun à primeira vista: “[...] algo fez com que Eva se sentisse de certa forma atraída por Hitler: seus olhos, de uma estranha cor azul e com um incrível poder hipnótico” (SEGÓVIA, 2005, p.40).

Olhos que seduziram não apenas as mulheres alemãs. Unity Valkryien Freeman Mitford, uma jovem inglesa de 21 anos, com muita influência entre a realeza britânica, foi uma destas mulheres. No ano de 1935, mudar-se-ia para a Alemanha, obstinada em se aproximar do seu maior ídolo - Adolf Hitler. Assim, tornou-se uma entre tantas mulheres que financiaram o NSDAP. Unity se envolveria com o partido ativa e financeiramente, assim como com Hitler. De fato, o *affair* seria mantido durante cinco anos, concomitantemente com a relação de Hitler com Eva Braun. A disputa entre as duas mulheres não passaria despercebida na época. Bella Fromm, *socialite* e colunista de um jornal alemão, teria registrado, em 16 de setembro de 1937, a seguinte nota: “Tenho aqui as notícias da reunião do partido em Nuremberg. Unity Mitford, em seu êxtase habitual, seguia os passos de Hitler, exatamente como no ano passado e no ano anterior, o crachá do partido balançando sobre o suéter”. O relato segue, maldosamente:

---

Unity é impopular entre a maior parte dos nazistas. Ribbentrop não gosta dela. Hess está com ciúmes e desconfiado. Mas Hitler parece gostar dela e isso é tudo o que importa. Eva Braun, ex-assistente do fotógrafo de Hitler, Heinrich Hoffmann, tem proporcionado a Unity momentos difíceis. Ela está apavorada com a idéia de que Eva possa conquistar o sagrado coração de Hitler (FROMM apud SAYER; BOTTING, 2295, p116).

*Walkure* - como Hitler carinhosamente chamava Unity Freeman Mitford, não suportaria o desenrolar político daqueles anos sombrios. Quando a Inglaterra declara guerra à Alemanha, em 1939, Unity não suporta a situação e recorre ao suicídio, disparando uma bala contra a própria cabeça. Sua morte, todavia, se concretizaria efetivamente apenas oito anos mais tarde, em decorrência das várias e graves sequelas dos ferimentos provocados pela arma.

Há ainda o caso de Maria Reiter (Mimi), que aos 16 anos, seria o primeiro caso amoroso sério de Adolf Hitler – que, na época, contava com 37 anos. No mês de dezembro de 1924, ao receber liberdade condicional da prisão de Landsberg (após o *Putsh* de Munique – “golpe da cervejaria” frustrado), o ditador conheceria a jovem em Berchtesgaden - para onde se recolheria durante um tempo -, desenvolvendo uma grande paixão de imediato. Entretanto, uma denúncia para o partido nazista iria pôr um fim no romance entre a jovem e o *Führer*. Uma carta anônima (que mais tarde descobriu-se ser de uma mulher) denunciava o líder aos dirigentes do partido NSDAP, que exigiram de imediato que Hitler colocasse um fim no relacionamento. E assim ele o fez - pedindo que o cunhando de Mimi desse o recado a ela, explicando a situação. A jovem não aceitou o repentino afastamento e tentou acabar com a própria vida, sem, entretanto, obter êxito.

Decidi pôr um fim em minha vida. Amarrei uma corda em volta do pescoço, prendi a outra ponta à maçaneta da porta e joguei-me no chão. Não sei quanto tempo fiquei lá, meio estrangulada, mas disseram-me que fui encontrada por minha irmã Anni. Um médico foi chamado e, naquela mesma noite, recuperei os sentidos (REITER apud SAYER; BOTTING, 2005, p. 50).

Já Renate Müller, atriz do cinema alemão, encontraria Hitler pela primeira vez nos estúdios de cinema da Dinamarca, no ano de 1932. Envolveu-se com o ditador durante pouco tempo, mas o suficiente para ser seduzida pelos “encantos” de Hitler e seus presentes glamourosos, como braceletes de diamantes, por exemplo. Entretanto, o encanto não duraria muito tempo: a jovem atriz, cansada das excentricidades sexuais e do temperamento difícil de Hitler, consegue que ele lhe dê férias e vai para Londres,

---

onde encontra um antigo amante judeu. É então que Renate comete seu maior erro, pois Hitler mantinha seu serviço secreto atrás da jovem atriz, que agora estava com sua vida nas mãos do ditador. Ao voltar para a Alemanha, o nome de Renate entra na lista negra da indústria do cinema alemão (controlada pelo Ministro da Propaganda Josef Goebbels), em virtude do envolvimento dela com o judeu. Sem trabalho e perseguida, Renate se vicia em morfina e inicia um processo de autodestruição. Logo é internada em um sanatório, onde, durante um dia, pela janela, enxerga as tropas da SS descenderem do carro: Renate sabia o que isso significaria. Foi nesse dia que a jovem atriz encerraria sua vida, jogando-se da janela, não exatamente por Hitler, mas sim por causa de Hitler e de seu poder irrestrito de dominação e subjugação.

Como se vê, de forma sistemática, todas as mulheres com as quais o líder se envolveu afetiva, amorosa e/ou sexualmente, tentariam suicídio - e algumas delas obtiveram êxito em sua tentativa. Isso nos faz retornar para a já postulada proximidade entre Eva Braun e Geli Raubal, as duas principais mulheres da “vida (nem tão) secreta” de Adolf Hitler.

Parece justo que caberia à Eva Braun o (pouco) honroso lugar de exemplo acabado da mulher como personificação das massas, sob a ótica doentia de Adolf Hitler. De fato, um olhar, certamente voyeurístico, sobre a bizarra vida sexual e amorosa do *Führer* deixa claro que, no âmbito de sua vida íntima, as várias mulheres que se envolveram com o ditador antecipariam, de forma magistral – e certamente, trágica –, o destino das massas, da sociedade alemã (uma figura igualmente feminina, por assim dizer) e da própria Alemanha (em última instância, uma espécie de mulher, uma vez que o *Führer* afirmava ser “casado” com a Alemanha). Mas Eva não está sozinha neste papel ilustrativo. Como mostra o intenso currículo amoroso de Hitler, de forma sistemática, todas as mulheres com as quais o líder mais se envolveu afetiva, amorosa e/ou sexualmente, tentariam suicídio - e algumas delas obtiveram êxito em sua tentativa.

Essa breve recuperação da intensa vida sexual do ditador deixa claro que as mulheres da vida de Hitler antecipariam o destino da Alemanha. Mas aquela que entrou para a história do Século XX – num pequeno e nem sempre lembrado papel, é verdade – como a personificação mais fiel das massas alemãs (essencialmente femininas, pouco

---

racionais e excessivamente sentimentais) e seu trágico destino final seria, afinal, Eva Braun. A jovem de família católica viveria por 14 anos ao lado do ditador. Desde quando o conheceu, nos estúdios de Hoffmann, até o suicídio de ambos no *bunker*, a jovem bavariense permaneceria caninamente fiel ao ditador - assim como as massas alemãs, talvez sem a mesma convicção nos derradeiros momentos.

Subjugadas durante seus relacionamentos com o *Führer*, suas mulheres, tendo Eva Braun como ícone máximo, foram o quadro de um papel de cega obediência e subserviência à vontade e palavra de Hitler, verdadeira lei a julgar os destinos de todos os alemães e a decidir sobre a vida ou a morte daqueles que estavam sob seu poder. Nenhuma outra mulher seria tão leal e persistente quanto aquela que esperou quase quinze anos para transformar-se na Sra. Hitler. “Eva personificou melhor que ninguém, tanto em sua vida como em sua morte, o que ocorreu com toda a Alemanha: seduzida por Hitler e suicidada por lhe ser fiel até o final” (SEGÓVIA, 2005, p.173 [tradução nossa]).

Assim, a vida privada de Hitler e seus dons carismáticos e sedutores se confundem com a história da meteórica ascensão e queda do sonhado Reich de Mil anos que, afinal, duraria exatos 12 anos. A vontade de Adolf Hitler, mesmo em seus momentos mais alucinados, acabaria sendo respeitada de 1933 até 1945, incluindo os piores anos do conflito bélico, quando já estava clara a impossibilidade de uma vitória da Alemanha. É sempre chocante reler a passagem da mais famosa das secretárias de Hitler, que ficou no *bunker* até os últimos instantes. Depois de tantos anos de histórica submissão, a frase mal parece fazer jus ao fascínio das mulheres por seu *Führer*: “Foi como um fim de uma hipnose coletiva. De repente, descobrimos a luz, um desejo louco de viver, de voltar a ser o que éramos antes, voltar a um estado humano normal, tomar posse de nós mesmos. Hitler não nos interessava mais” (TRAUDL *apud* SAYER; BOTTING, 2005, p.208).

## Referências bibliográficas

- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 487p.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista**. São Paulo: Annablume, 1996, 156 p.
- GEARY, Dick. **Hitler and Nazism**. 2 ed. Lancaster Pamphlets, 2002.
- HITLER e as entranhas do nazismo – **Ascensão e queda do Terceiro Reich**. São Paulo: Escala, p. 81.
- KERSHAW, Ian. **Hitler - Um perfil do Poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, 251p.
- LAMBERT, Angela. **A história perdida de Eva Braun**. São Paulo: Globo, 2007. 604p.
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude. **História dos jovens – A época contemporânea**, Companhia das Letras, 1996, 416 p.
- LINDHOLM, Charles. **Carisma: Êxtase e perda de identidade na veneração ao líder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, 269 p.
- MACCIOCHI, Maria Antonieta. **Elementos para um analisis del fascismo (II)**. Espanha: Madragora, 1978.
- NAZÁRIO, Luiz. **Reflexões sobre a estética nazista**. São Paulo: Cultura Vozes, n. 3, v. 90, maio/junho de 1996.
- REVELAÇÕES sobre Hitler, o maior assassino da humanidade. **Revista Nazismo**, São Paulo: Escala. 127 p.
- SAYER, Yan; BOTTING, Douglas. **Hitler e as mulheres: a vida amorosa de Adolf Hitler**. Campinas: Versus, 2005, 271p.
- SCHAD, Martha. Mujeres contra Hitler. **La resistencia femenina al régimen nazi**. Barcelona: Ediciones Península, 2001.
- SEGOVIA, David. **Eva Braun: Mujeres en la história**. Madrid: Edimat Libros, 2005, 191.p.